

Byojoshin Zedo (A mente comum é o Caminho)

por Rev. Kodo Takeuchi

“A mente comum é o Caminho” são palavras de Baso Doitsu (709-788). Com Baso, podemos observar um dos objetivos finais do Zen Chinês, fundado por Bodhidharma. O pensamento de Baso também foi expresso em “A mente é, em si mesma, o próprio buda”, a ideia de que a mente do próprio, tal como é, é buda. Isto também está expresso no ensinamento de que “função é natureza”, a visão de que todas as nossas palavras e ações do cotidiano são elas próprias a função da natureza do buda. Outra expressão disto é "ser comum sem nada de especial", o que significa que, sem olhar para além de nós mesmos para algo sagrado, devemos estar contentes com o próprio, tal como é.

Relativamente a “mente comum”, Baso disse o seguinte:

Não há necessidade de praticar o Caminho. Basta não o profanar. O que significa profaná-lo? Todos os tipos de mentiras e ações orientadas para objetivos com base na dualidade do nascimento e da morte são profanações. Se quiser entender diretamente o Caminho, a mente comum é o Caminho. O que é a mente comum? É a mente em que não há mentiras, tendenciosos juízos de valor, preferências, não há tempo nem eternidade, nem pensamentos dualistas como os vulgares e sagrados. Num sutra, diz-se "Não é nem a prática de uma pessoa vulgar ou comum, nem a prática de um sábio, mas a prática de um bodhisattva". Todas as ações comuns de caminhar, parar, sentar e deitar e todas as interações com as pessoas e as coisas ao nosso redor são o Caminho. O Caminho não é mais do que o Dharmadhatu. Na verdade, os números infindáveis de funções esplêndidas também estão no âmbito do Dharmadhatu. Se não fosse este o caso, como poderíamos dizer "a porta do Dharma do chão da mente"? Como poderíamos falar da "lâmpada inesgotável"? (*Dentoroku*, Capítulo 28, em *A History of Ideas Found in the Ancestral Records*, *(Uma história de ideias encontrada em registos ancestrais)* de Ogawa Takashi, páginas 67-68.)

Muitas vezes nos deparamos com explicações de "mente comum é o Caminho", que dizem que significa "a mente comum e banal, tal como nós o somos, é o Caminho". No entanto, esta forma de o expressar arrisca-se a orientar o leitor em direção a uma aceitação pouco exigente da situação atual ou uma afirmação própria demasiado simples. Por esta razão, esta é uma expressão que pode ser facilmente mal compreendida.

Baso define claramente "mente comum" como afastar juízos de valor, como o certo e o errado, as preferências, as distinções entre vulgar e sagrado, assim como o abandono de formas dualistas de pensar. Além disso, dedicar-se à aplicação desta mente comum nas nossas vidas diárias é praticar o Caminho no âmbito do Dharma. Para Baso, a mente comum não é algo a ser obtido através da prática, mas sim algo que já dispomos. Por isso, é necessário que não o arruinemos adicionando intenções desnecessárias.

Para Baso, a mente, tal como é, é o Buda. Todos os aspetos da vida quotidiana, incluindo coisas como levantar uma sobrancelha e piscar um olho, são as funções da natureza de buda. No entanto,

para estudantes Zen posteriores, esta ideia teve um resultado nocivo. Houve uma tendência para arrasar este ensinamento e simplesmente aceitar a condição atual do ego como "mente comum" ou para reificar a "mente" do ego.

Também no *mondo* (diálogo) entre o discípulo de Baso, Nansen Fugan (748-834) e o discípulo de Nansen, Joshu Jushin (778-897), esta reificação foi rejeitada, ao indicar que a forma de praticar a "mente comum" é como um espaço vazio e não pode ser comparada a qualquer outra coisa.

Joshu perguntou a Nansen: "O que é o Caminho?" Nansen respondeu que "A mente comum é o Caminho." Joshu perguntou "Como devo procurar o Caminho?" Nansen disse que "Se o procuras, apenas vais seguir na direção errada." Nessa altura, Joshu perguntou "mas se não o procuras, como vou saber como é o Caminho?" Resposta de Nansen: "O Caminho não é conhecer ou não conhecer. Conhecer é ilusão, não conhecer é indiferença. Quando tiveres alcançado o Caminho, sem qualquer tipo de dúvida, vais achar que é tão vasto e sem limites como espaço exterior. Como é que pode ser falado em termos de certo e errado? Joshu foi imediatamente despertado para a função original; sua mente era como a lua cheia. (*Sodoshu*, Capítulo 18, em *A History of Ideas Found in the Ancestral Records*, (*Uma história de ideias encontrada em registos ancestrais*) de Ogawa Takashi, páginas 95-96.)

Na linhagem Zen de Baso, o ideal de igualar a natureza original do ego (natureza de buda) com a condição atual do ego, sem mediação, dúvidas e pensamento crítico acerca dos ensinamentos de Baso, pode ser observado até mesmo entre os seus discípulos. Com o tempo, surgiram expressões como "nem a mente nem Buda" e "não à mente, não a buda, não às coisas". Isto pode ser visto como dialética para "a mente é, em si própria, buda", concebida para quebrar a reificação da "mente". No entanto, estes dois eixos conflitantes da natureza original do ego e da condição atual do ego tornaram-se blocos de construção da história posterior do pensamento Zen.

Na nossa linhagem Soto de Zen a seguir a Sekito, houve uma tentativa de compreender essas duas ideias como uma subtil, mas profunda, relação de "nem muito perto, nem muito longe" e "nem um, nem dois". É precisamente a busca da "pessoa original", "o personagem principal", "essa pessoa" e assim por diante, onde a característica predominante da linhagem de Sekito é aparente.

Então, de que forma ensinou Dogen Zenji acerca da "mente comum"? Existe uma passagem em *Butsu Kōjō Ji* (The matter of going beyond Buddha – A questão de ir além do Buda), um capítulo do *Shōbōgenzō* onde fala acerca do *mondo* entre Nansen e Joshu.

O grande Mestre Joshu Shinsai perguntou a Nansen "O que é o Caminho?", ao que Nansen respondeu que "A mente comum é o Caminho."

Isto para dizer que a mente comum do mundo é o Caminho. Para estudar a mente comum do mundo é mais delicado. Relativamente ao corpo, no que respeita à mente, devemos estudá-lo sempre como a simplicidade do mundo. Não deve haver a menor profanação ou uma tentativa esforçada em direção a um objetivo. No corpo e na mente, não dizemos "ontem" como "hoje" nem agimos como se fosse assim, nem dizemos "hoje" como "amanhã", e não fazemos do corpo como se fosse a mente, e não movemos a mente como o corpo. Apenas desta forma é referido

como "mente comum". Temos tendência para confundi-lo com os estados das plantas e flores comuns. Temos que entender que não ficar estagnado neste lugar é o caminho comum das plantas. Devido a essa mente comum, as muitas flores e ervas não secam nem apodrecem.

Embora os budas e os mestres ancestrais escapem do mundo, esqueçam o ego e pratiquem o Caminho, não seriam capazes de o alcançar (Caminho), se não estivessem no meio do que é comum, todos os dias. Isto é porque a prática do Caminho deve ser, em si própria, o "comum". Também para nós, ainda que abandonemos os caminhos do mundo que até então tenhamos respeitado, prontamente seguimos as pegadas dos budas e dos mestres ancestrais, praticamos o que fizeram e progredimos. Se não praticarmos a mente doe "comum", mesmo ainda no Caminho, mesmo que pensemos nisso e que pareça que o fazemos, isso é o mesmo que confundir o "comum". Não é isso que não é a prática-realização. Não há nada que não seja "comum". É simplesmente isso que não deve ser profanado. [*The Complete Works of Dogen Zenji, (Obras Completas de Dogen Zenji)*, Vol. II, pág. 569. Publicado por Shunjusha]

Aqui, Dogen Zenji diz claramente que a "mente comum" não é procurar intencionalmente o Caminho, nem é deslocar-se conscientemente para o Caminho. Também no que se refere ao corpo e à mente, declara que a mente comum é concentrar-se totalmente apenas no momento presente, sem pensar no passado ou no futuro, e sem separação entre o corpo e a mente.

Quando ouvimos a expressão "comum", podemos pensar que significa ver todas as plantas como são, mas isso é um erro. Todas as plantas são, essencialmente, comuns, estando afastadas da hierarquia dos valores humanos. Por essa razão, secar e apodrecer não é mais do que pontos de vista decorrentes da perspectiva dos seres humanos. Essencialmente, não existem.

Aquelas pessoas que praticam tais "vulgaridades" são chamadas de "budas". No entanto, se existir a intenção particular para alcançar a mente comum, isto é afastar-se do comum. Os infindáveis dharmas existem com vulgaridade. A prática-realização impoluta dentro da vulgaridade é o caminho da prática realizado por budas e professores ancestrais.

Pode afirmar-se com segurança que, para Dogen Zenji, a natureza da mente, bem como a maneira de praticar o caminho, estão incluídas em "a mente comum é o Caminho". O seu entendimento da frase torna-se mais profundo – para significar "praticar o dharma, em si próprio, no âmbito de todas as coisas comuns".

Uma passagem de *Shinjin Gakudo* (Studying the Way with body and mind – Estudo do Caminho, com o corpo e a mente) afirma claramente o seguinte:

A mente comum, seja neste mundo ou noutros, é a mente comum, quotidiana. Há muito tempo que deixou este lugar e hoje vem deste lugar. Quando parte (ontem), todo o céu parte. Quando (hoje) chega, toda a terra chega. Esta é a "mente comum." A mente comum abre-se e fecha-se dentro destes limites. Porque mil entradas e dez mil portas são abertas e fechadas, elas são o comum. [*The Complete Works of Dogen Zenji, (Obras Completas de Dogen Zenji)*, Vol. I, pág. 49. Publicado por Shunjusha]

Aqui também temos de ser extremamente vigilantes e cuidadosos para não explicar simplesmente

que "a mente comum é o Caminho" como "a mente comum e banal é o Caminho".

Há uma outra razão para a escola filosófica Soto valorizar bastante "a mente comum é o Caminho" como um dos principais dogmas da nossa escola. Isto é porque quando Keizan Zenji herdou o Dharma de Gikai Zenji ocorreu uma troca entre eles, o *mondo* (inquirição do dharma), acerca da "mente comum".

Na versão mais comum de *Tokokuki*, existe uma passagem, *Tokoku Dentoin Goro Gosoku narabi Gyogo Ryakuki*. Nesta secção, estão registadas as palavras de despertar e os esboços biográficos de Nyojo Zenji, Dogen Zenji, Ejo Zenji, Gikai Zenji e Keizan Zenji. Entre elas, encontra-se o *mondo* entre Gikai Zenji e Keizan Zenji.

Um dia, o professor (Gikai) perguntou a (Keizan) Jokin "Como alcançou a 'mente comum'?" Jokin respondeu que "O Caminho não é conhecer, nem não conhecer." O professor, ao não falar, aprovou a sua resposta. Depois, reconhecendo-o por palavras, disse: "O teu espírito ultrapassa-me muito. Os ensinamentos de Dogen Zenji certamente irão florescer (em ti).

Em muitas histórias Soto, que foram revistas durante o Período Edo, foram feitos suplementos a este *mondo*. No entanto, a versão mais antiga deste *mondo* no *Tokokuki* é concisa. Por essa razão, parece ter sido como se a descrição do sentimento intenso de Keizan Zenji tenha sido transmitida, ainda que tenha sido uma experiência que só ele poderia saber.

Não há dúvida que "O Caminho não é conhecer, nem não conhecer" é uma resposta que foi baseado no *mondo* que vimos mais acima entre Nansen e Joshu. Certamente, pode entender na passagem acima que esta não era uma questão que pudesse ser respondida apenas com palavras. É certo que Keizan Zenji, que havia vivido o verdadeiro significado de "A mente comum é o Caminho", expressou a sua resposta com palavras e, em seguida, deve ter apresentado "a mente comum" ao seu professor, Gikai Zenji, de alguma forma não verbal ou de outro tipo. Foi porque o professor viu e compreendeu isso que reconheceu o seu discípulo em silêncio e, em seguida, o elogiou dizendo que os ensinamentos de Dogen Zenji iriam florescer nele. Gikai Zenji era um homem que tinha sido expulso de Eiheiji e que estava a chegar ao final de uma vida cheia de dificuldades e sofrimento. Não há dúvida de que, no seu silêncio, podemos sentir a sua profunda emoção por finalmente ter encontrado um discípulo verdadeiro.

Originalmente escrito em Japonês pelo Rev. Kodo Takeuchi

Traduzido para Inglês pelo Rev. Issho Fujita e pelo Rev. Daigaku Rumme

Assistido pelo Rev. Tonen O'Connor e pelo Rev. Zuiko Redding